

Lutas sociais e políticas na república oligárquica da Ucrânia

Carlos Serrano Ferreira*

Resumo:

O artigo objetiva apresentar uma explicação para as profundas e recorrentes crises políticas na Ucrânia independente. Para isso, apresenta inicialmente as principais características econômicas, políticas e sociais dessa ex-república soviética, bem como algumas de suas crises. Após descartar as explicações predominantes para as mesmas, propõe a hipótese de que derivam do caráter *sui generis* da burguesia ucraniana ('oligarcas') e de seu regime político.

Palabras claves: Ucrânia; crises políticas; autoritarismo competitivo; burguesia ucraniana.

Social and Political Struggles in the Oligarchic Republic of Ukraine

Abstract:

This article attempts to explain the profound and recurrent political crises in independent Ukraine. It begins by presenting the principle economic, political and social characteristics of that former Soviet republic, as well as some of their crisis. After discarding the predominant explanations for them, it proposes the hypothesis that they derive from *the sui generis* character of the Ukrainian bourgeoisie ('oligarchs') and of their political regime.

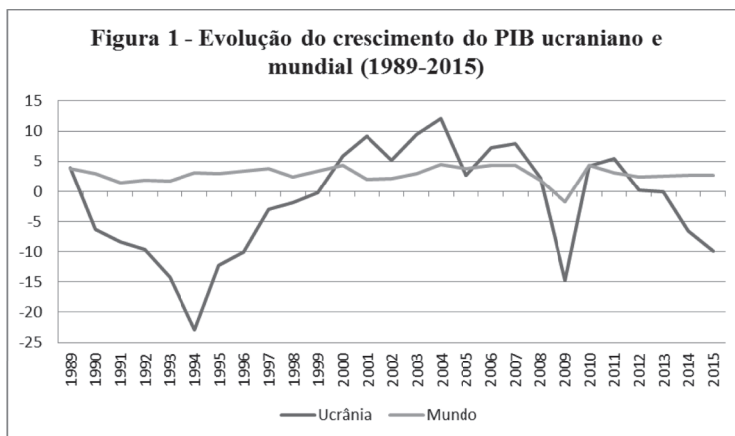
Keywords: Ukraine; political crises; competitive authoritarianism; Ukrainian bourgeoisie.

Em 2016, a Ucrânia completou 25 anos de independência, marcados por instabilidade política e social. Esta se apresentou mesmo em conjunturas de estabilidade econômica após os primeiros anos de depressão profunda do PIB e desorganização da estrutura produtiva pelo desmonte do socialismo e da complementaridade com outras ex-repúblicas soviéticas, em particular a Rússia. O impacto foi brutal e se tornou estrutural:

* Doutorando em Ciências Sociais do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa, Portugal. Professor do Departamento de Ciência Política da UFRJ. End. eletrônico: carlos_serrano_ferreira@hotmail.com

A economia do capitalismo ucraniano adquiriu a sua forma no decurso do colapso do complexo econômico soviético, a privatização da propriedade social e a integração no mercado mundial. Esses processos [...] degradar[am] a estrutura econômica da República Socialista Soviética da Ucrânia, que em termos de desenvolvimento econômico ocupava o décimo lugar no mundo [...] tinha uma economia complexa e desenvolvida, na qual o papel principal era a construção de máquinas e produção de bens com alto valor agregado. (Шапинов, 2014:s.p.)¹

O resultado foi sentido no crescimento do PIB, na piora qualitativa da pauta exportadora e na ampliação da dependência de importações.



Fonte: Construído a partir de dados do World Bank (s.d.).

Após a destruição da produção complexa e de alta-tecnologia, “o papel desempenhado pelo setor das matérias-primas [...] para a exportação e por setores com baixo valor agregado assumiu um nível de importância catastroficamente elevado.” (Шапинов, 2014; s.p.). Este modelo é insustentável e “possui caráter ‘canibal’, baseando-se em consumir a herança da União Soviética” (Шапинов, 2014: s.p.). Houve “o declínio da produção nacional em áreas fora do setor de matérias-primas orientadas para a exportação, a dependência das importações aumentou.” (Шапинов, 2014: s.p.). Conseqüentemente, a

¹ No original em russo. Para facilitar a leitura, todas as citações em inglês, russo e ucraniano serão traduzidas livremente pelo autor do artigo.

participação representada por bens produzidos [...] na estrutura do volume de negócios do comércio caiu de forma constante, enquanto a proporção de importações subiu. A partir de meados dos anos 2000, as importações excederam as exportações de forma consistente. A diferença foi compensada por um aumento da dívida externa, tanto estatal como corporativa. (Шапинов, 2014: s.p.)

Com a crise de 2008, a “procura das exportações ucranianas tendeu a diminuir, enquanto o preço das importações subiu ao mesmo tempo em que a dependência das importações aumentava” (Шапинов, 2014: s.p.). Em 2009, a Ucrânia teve a segunda maior queda do PIB de sua história independente (-14,8%) (World Bank: s.d.). O “modelo de capitalismo ucraniano estava claramente dirigido para o colapso” (Шапинов, 2014: s.p.).

O PIB em 2016 estava “abaixo do nível que tinha antes de separar-se da Rússia, em 1991, e o PIB *per capita* comparava-se ao do Kosovo ou da Namíbia, atrás de Polónia, Eslováquia e Hungria” (Bandeira, 2016: 255). Como resultado, em 2013 no máximo 5% da população era de classe média, 42% despendiam mais de 60% de seus rendimentos em alimentação, e a *Forbes* estimava em 77% os que viviam abaixo da linha da pobreza (Holoyda, 2013). Já o “salário médio situava-se em torno de US\$332, um dos mais baixos da Europa” (Bandeira, 2016: 255). A concentração de riqueza alcançou níveis impressionantes. Em 2013, em uma população de “46 milhões, estima-se que 100 indivíduos, representados pelos “oligarcas” e “família” [grupo de Yanukovich] – ou 0,00003% – da população total controlam 80%-85% do PIB/riqueza da Ucrânia. Tradução: [...] mais de 99,9999% da população fica com apenas uma fatia de 15%-20% do PIB/riqueza.” (Holoyda, 2013: 2).

Entre Ocidente e Rússia: corrupção, interesses privados e geopolíticos

A corrupção dos oligarcas agrava o endividamento. Eles ganharam muito com o que foi o principal negócio ucraniano, a intermediação do gás e petróleo importado da Rússia. As empresas escolhidas pelo governo entre seus apadrinhados importavam barato e revendiam a preços muito mais altos, espoliando o Estado, que cobria a diferença (Koshiw, 2013). Entre os que enriqueceram com isto, segundo Bohoslovska (2012), estavam Yulia Tymoshenko e Pavlo Lazarenko, e segundo Koshiw (2013), Ihor Bakai. O oligarca Dmytro Firtash realizou a intermediação através da RosUkrEnergó a partir de 2004 e monopolisticamente entre 2006 e 2009 (Matuszak, 2012). Ele teria em 2013 uma fortuna de US\$ 3,3 bilhões (Konończuk, 2015).

Yulia Tymoshenko é uma das principais figuras na política ucraniana, tendo sido primeira-ministra entre fevereiro de 2004 e setembro de 2005 e dezembro

de 2007 e março de 2010. Ela começou sua vida pública como vice-ministra de combustíveis e do complexo energético (1999-2001) no período da presidência de Leonid Kuchma (1994-2005), com o qual se desentendeu, foi perseguida e se tornou uma das mais proeminentes opositoras, liderando a dita Revolução Laranja (2004).

Antes da vida pública, ela se fez grande oligarca como CEO da corporação Ukrainskiy Benzin e como presidente da United Energy Systems of Ukraine (UESU). Com o “patrocínio de Lazarenko [primeiro-ministro entre 1995 e 1996...], a empresa controlava 25% da economia ucraniana [... e] era uma espécie de ‘Estado dentro do Estado’” (Bohoslovska, 2012). Segundo Koshiw (2013), Lazarenko tinha em suas contas em bancos estrangeiros US\$281,2 milhões. Timoshenko, por sua vez, foi presa por contrabandear US\$ 23 milhões que ela “supostamente ‘esqueceu’ de declarar” (Bohoslovska, 2012). Esta prisão ocorreu após cair em desgraça com Kuchma, tal qual Lazarenko, que acabou preso nos EUA por lavagem de dinheiro, corrupção e fraude.

Segundo Koshiw (2013), foi Ihor Bakai quem mais desviou recursos do Estado (US\$1,252 bilhão). Contudo, como nunca desafiou Kuchma, nunca foi perseguido, fugindo para a Rússia apenas após a Revolução Laranja. Kuchma teria se beneficiado dos desvios, como o recebimento de US\$66 milhões desviados da estatal Naftogaz [encabeçada por Bakai] para sua reeleição. Esta seria uma parte dos US\$ 184 milhões retirados por Bakai através de um esquema simples, onde “ele vendeu dezesseis subsidiárias da Naftogaz por 52 mil dólares para a sua companhia privada Novi Mikrotekhnologii, e que foram então compradas pela Naftogaz por US\$184 milhões” (Koshiw, 2013: 104).

Por sua vez, o então “Primeiro-Ministro Arseniy Yatsenyuk acusou o regime de Yanukovich de ter roubado US\$37 bilhões do Estado [...] mais do que um quinto do PIB nominal ucraniano de 2013” (Åslund, 2014: 65). Graças aos oligarcas, a “corrupção não é apenas o principal negócio na Ucrânia; é também o coração da política ucraniana” (Åslund, 2014: 67).

É óbvio que tamanha pilhagem é insustentável. Por isso, os dirigentes do Estado – oligarcas ou associados – recorrem às instituições multilaterais ocidentais para cobrir o déficit (Koshiw, 2013) que geraram por seu domínio predatório da economia e seus esquemas de corrupção de alto nível. Este é um dos motivos para as relações externas ucranianas penderem ora para o imperialismo russo, ora para o imperialismo estadunidense e europeu. A isto foi dado o nome no período Leonid Kuchma de ‘abordagem multivetorial’, inviabilizada pelo desequilíbrio entre os oligarcas no pós-EuroMaidan, que acabou com o controles que os interesses conflituosos entre eles impunham a qualquer processo mais profundo de integração a qualquer área de influência.

Um país estruturalmente dividido

Este movimento pendular também reflete uma divisão estrutural no país, entre o Noroeste – mais nacionalista e com laços mais fortes com a Europa Ocidental – e o Leste e Sul – mais ligados econômica e culturalmente à Rússia. Isto deriva de processos históricos de longa duração, de constantes partilhas e ocupações desde o fim da Guerra Russo-Polonesa (1654-1667), quando o território ucraniano foi repartido, com o Leste para a Rússia e o restante para a Polônia. Por isso, é justo o nome que passou a ter no século XX, ‘Ucrânia’, que significa ‘fronteira’. Esta divisão gerou diferenças linguísticas e regiões com largos contingentes de minorias étnicas russas. Segundo o Censo de 2003, se na região ocidental apenas 3,1% falam russo, são 86,8% no Leste e 82,3% no sul. Também gerou diferenças regionais na cultura política (Kuzio, 2010) e frente à integração com a Rússia ou UE e frente ao Euromaidan (Ferreira, 2014a). Os dados sobre os protestos em relação ao EuroMaidan são sintomáticos dessa divisão, pois “dois terços dos protestos [...] ocorreram nas regiões Ocidental e Central fora de Kiev” (CSLR, 2014), tendo sido extremamente reduzidos em outras regiões. No Donbass e na Criméia mais de 50% dos protestos pró-Maidan tinham menos que cem pessoas, e foram mais organizados por partidos opositores e a extrema-direita que por participação autônoma (CSLR, 2014).

O ciclo recorrente de crises

A Ucrânia se tornou um Estado independente em meio à enorme crise política e mobilizações de massas. Greves operárias em um dos principais centros industriais do país, o Donbass, exigiam em 1990 a demissão do governo da Ucrânia Soviética. Em 30 de setembro, o Movimento Popular pela Reconstrução da Ucrânia (RUKH), organizou sua maior manifestação, “com 200 mil participantes em Kiev [...] demandando independência completa”² (Åslund, 2009: 21). No início de outubro, uma manifestação de estudantes recorreu à greve de fome (Åslund, 2009) e acampamentos em Kiev e levou à demissão de Vitaly Masol, então chefe do Conselho de Ministros (equivalente a primeiro-ministro) (Way, 2014).

Contudo, é de se esperar que processos de secessão, contra-revolução econômica e mudança de regime gerassem conflitos. O surpreendente é a recorrência das crises. Nesse quarto de século de nação independente, três presidentes foram

² A independência foi um processo complexo e não de todo consensual. Se as repúblicas bálticas, a Geórgia, a Armênia e a Moldávia boicotaram o referendo realizado em 1991, na Ucrânia a participação foi alta, e teve 70,5% de apoio pela manutenção da URSS, ainda que Åslund (2009: 22) afirme que as questões adicionadas teriam “transformado o voto em um por maior independência”.

depostos por manifestações de massas. “Em 1993, greves de mineiros do leste da Ucrânia empurraram o então presidente Leonid Kravchuk a aceitar uma eleição antecipada, que ele perdeu. Finalmente, Yanukovich foi alçado do poder duas vezes por manifestantes – primeiro em 2004 e depois em 2014” (Way, 2014: 35).

À esses eventos se somam outros que, mesmo de menor dimensão, estremeeceram a política ucraniana, como as manifestações contra Kuchma, o segundo presidente da Ucrânia, na sequência do *Kuchmagate*. Este ocorreu após a divulgação por Oleksandr Moroz, líder do opositor Partido Socialista da Ucrânia, em 28 de novembro de 2001, na *Verkhovna Rada* (Parlamento Unicameral do país), de fitas de conversas de Kuchma com outros altos membros do governo. Estas apontavam o envolvimento das altas esferas governamentais com o assassinato do jornalista de origem georgiana, Georgiy Gongadze, editor do jornal eletrônico de oposição *Ukrainska Pravda*. Em 2000, este foi sequestrado e assassinado a tiros por policiais, e seu corpo carbonizado e decapitado foi deixado em uma floresta. Estas fitas foram gravadas pelo antigo guarda presidencial de Kuchma, ironicamente o responsável por evitar a espionagem eletrônica, o major do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU) Mykola Melnychenko. Este o fez sob orientação de Yevhen Marchuk, que conspirava para fragilizar o presidente com vistas a saciar suas próprias ambições políticas (Koshiw, 2013)³. Apesar do escândalo, Kuchma foi capaz de impedir a perda de seu cargo, mas não de sua popularidade, que nunca mais se recuperou.

A violência como elemento permanente da vida política ucraniana

O *kuchmagate* exemplifica outras características da política ucraniana: as traições e mudanças de posição repentinas – muitas das vezes motivadas por interesses corruptos – e a violência política. O assassinato de Gongadze é apenas um dos muitos que tem pontuado a violenta história política ucraniana, sendo a violência um instrumento constante nas disputas entre políticos e oligarcas, utilizada tanto pelo governo, sob a cobertura de um judiciário instrumentalizado politicamente, como pela oposição, com o objetivo de eliminar oponentes ou realizar operações de *false flag* para desacreditá-los. Um dos casos mais assombrosos é relatado por Koshiw (2013:18):

O incidente da granada ocorreu às 20h de sábado, dia 2 de outubro de 1999. Enquanto a candidata socialista progressista Natalia Vitrenko e cerca de cinquenta de

³ Marchuk foi, entre outras coisas, da KGB (1963-1991), primeiro chefe do SBU e primeiro-ministro ucraniano (1995-1996). Segundo Koshiw (2013), após ficar em quinto lugar no primeiro turno das presidenciais de 1999, teria apoiado Kuchma em troca de um posto governamental e, possivelmente, ações numa mina de carvão e companhia elétrica.

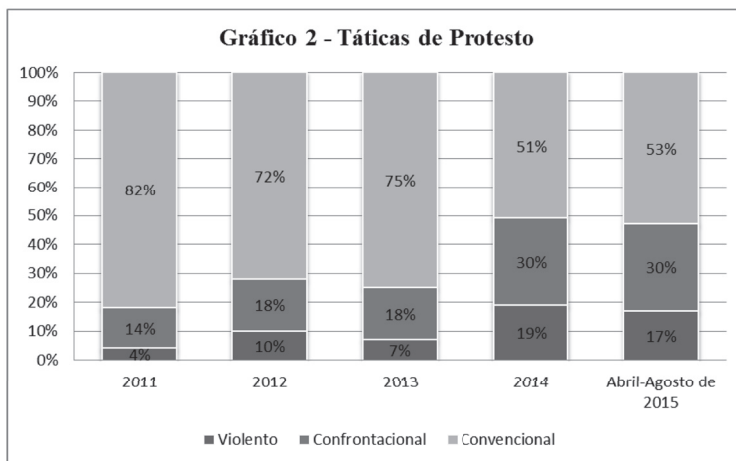
seus partidários deixavam uma atividade de campanha [...] duas granadas foram lançadas sobre eles. As explosões feriram quarenta e cinco pessoas, incluindo Vitrenko e dois [...] deputados

Segundo Melnychenko, o ataque foi ordenado por Kuchma para culpar seu principal concorrente nas presidenciais de 1999, o socialista Moroz, sob o qual a imprensa, por orientação presidencial, fez recair a culpa, levando à retirada da candidatura (Koshiw, 2013).

Um incidente recente se deu durante o EuroMaidan. No dia 20 de fevereiro de 2014, ocorreu o massacre de quarenta e nove manifestantes na Praça da Independência (*Maidan Nezalejnosti*), tradicional centro de protestos. Ele foi iniciado por franco atiradores. Entre os dias 18 e 20, morreram ao todo 76 manifestantes (Katchanovski, 2015) além de 20 membros das forças policiais ucranianas (КОЛЛЕГІЯ МВД України, 2014). O novo governo acusou, sem provas, uma unidade especial da polícia, a Berkut. Contudo, como prova a vasta investigação de Katchanovski (2015), a ação foi perpetrada por grupos de extrema-direita do próprio Maidan, como forma de desacreditar o governo. Em ligação vazada para a imprensa, o ministro das Relações Exteriores da Estônia, Urmas Paet, afirmou à chefe da diplomacia européia, Catherine Ashton, que “fica cada vez mais evidente que por trás dos franco-atiradores não estava [...] Yanukovich, mas alguém da nova coalizão” e que “é preocupante que a nova coalizão não queira investigar” (EFE, 2014).

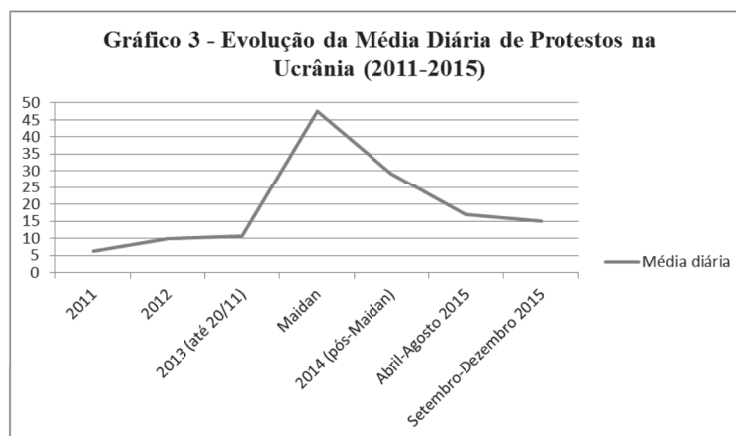
Infelizmente, a violência política recrudescceu nos últimos anos, pari passu ao crescimento da presença da extrema direita nas manifestações. Entre suas ações mais violentas está o Massacre de Odessa, quando estes atacaram militantes antifascistas, encurralando-os na Casa dos Sindicatos. Sobre esta os fascistas lançaram uma bomba, que iniciou o incêndio e vitimou ao menos 42 pessoas, carbonizadas até a morte, e outros foram mortos a tiros pelos fascistas ao tentar fugir das chamas. A maioria era militante do Partido Comunista Ucraniano e de outro partido de esquerda, o Borotba. (Ferreira, 2014b)

A generalização dessa violência, saindo das disputas entre as classes dominantes e indo para as ruas pode ser vista na evolução da distribuição entre protestos com táticas convencionais (pacíficas), confrontacionais e violentas, excluindo-se as regiões em conflito no Donbass e relacionados à secessão da Criméia:



Fonte e informações: O gráfico foi traduzido de LICTA (2015a). A metodologia define como convencional os protestos que não impõem pressão sobre o alvo, como piquetes, manifestações, etc; confrontacionais, os que impõem pressão direta, mas não causam danos diretos a pessoas ou propriedades, como greves; e, violentos, os que causam (ou ameaçam diretamente) danos a pessoas ou propriedades.

O mais grave é que essa evolução ocorre mesmo com a tendência de redução de protestos, como se vê no gráfico 3. O pico histórico foi o Maidan (entre 21 de novembro de 2013 e 21 de fevereiro de 2014) com 47,56 protestos diários e 8 manifestações acima de 100 mil pessoas, variando entre as fontes entre 400 mil a 800 mil manifestantes (Whitmore, 2013).



Fonte: Elaborado a partir dos dados de LICTA (2015a; 2015b; 2016).

Por que ocorrem crises cíclicas?

A primeira tentação para explicar as constantes crises políticas seria culpar a fragilidade econômica do país. No entanto, o efeito conjuntural das crises econômicas não é variável explicativa suficiente. Por exemplo, o *Kuchmagate* e a dita Revolução Laranja ocorreram nos primeiros anos de crescimento econômico desde a independência. Em 2004, o crescimento foi de 12,1% (para média mundial de 4,5%). Por outro lado, o EuroMaidan se deu em contexto recessivo e estavam ausentes como elemento central as questões econômicas, com temáticas sócio-econômicas presentes em apenas 16% dos protestos (ІЦТА, 2016).

Poderia se pensar que a decadência estrutural da economia poderia ter um papel importante indireto, exacerbando a luta de classes. Contudo, a falta de direção política do proletariado impede a expressão organizada da insatisfação. Quase 90% dos sindicalizados ucranianos estão ligados à Federação dos Sindicatos da Ucrânia. Contudo, os ucranianos, por herança cultural soviética, enxergam os sindicatos como estruturas administrativas. E essa Federação não exerce papel mobilizador, tendo caráter mais assistencialista (Karpinsky, 2011).

Politicamente, a situação é ainda pior. A esquerda ucraniana se divide em “velha” e “nova”, em marcos diferentes dos ocidentais. A primeira é composta por “partidos políticos [...] originários do Partido Comunista da União Soviética ou seus sucessores” (Ishchenko, 2016: 13). A segunda por “organizações políticas e iniciativas, sindicatos politizados de esquerda, iniciativas culturais e intelectuais que não tiveram ou claramente quebraram as conexões com os partidos sucessores do PCUS e são sempre muito críticos em relação a eles” (Ishchenko, 2016: 13). O cenário em ambos os casos era terrível antes mesmo do governo pós-Maidan que ilegalizou o Partido Comunista da Ucrânia (KPU), proibiu a propaganda do comunismo e promoveu, com auxílio dos fascistas, a perseguição à esquerda, levando a principal organização da “nova esquerda” (o Borotba) a entrar na clandestinidade.

Exemplifiquemos a velha esquerda com seu partido mais importante, o KPU. Após o sucesso inicial nas eleições parlamentares nos anos 1990, este trilhou uma via parlamentar, ainda que em descenso eleitoral a partir de 2002. Afastou-se das questões sócio-econômicas e assumiu a defesa de posições conservadoras, alinhadas aos temas relevantes ao seu eleitorado no Leste, “envolvendo-se em guerras culturais, nacionais, lingüísticas, históricas e mesmo religiosas” (Ishchenko, 2016: 14). Segundo Kuzio (2014), o KPU – como os demais partidos – é corrupto e financiado por oligarcas. Por outro lado, a “nova” esquerda nunca passou de mil militantes (Ishchenko, 2016).

Contudo, as explicações mais comuns remetem às ações destabilizadoras estrangeiras, sejam estadunidenses, como Bandeira (2016), sejam russas, e.g. She-

vtsova (2014). Muitas vezes estas explicações, como no segundo caso, se travestem com discursos de ‘choque de civilizações’. Como têm chamado insistentemente a atenção a mídia mundial, a Ucrânia é um grande cenário de disputa geopolítica entre EUA, UE e Rússia. Contudo, remeter apenas para determinantes externos é insatisfatório, pois não explica o conjunto de características da situação ucraniana já abordados aqui, bem como outros não citados (debilidade dos partidos políticos, importância do fascismo, etc), nem quais os determinantes internos permitem essa influência externa.

Por serem todas explicações insuficientes, propomos a seguir outra hipótese.

A explicação profunda para as crises cíclicas: os oligarcas

Os especialistas em transição no final dos anos 80 e início dos anos 90 defendiam equivocadamente que a construção de uma economia de mercado seria condição suficiente para uma democracia liberal. Os regimes do ‘socialismo realmente existente’ estabeleceram tão profunda ligação entre política e economia, num nível não encontrado em economias capitalistas, que esta fusão permaneceu, ainda que sob outros marcos. No ex-bloco soviético, muitos regimes não se tornaram democracias burguesas, mas “ditaduras ou regimes híbridos que abrangem democracia e ditadura” (Bunce & Wolchik, 2009: 3). Estes regimes “híbridos” receberam alguns nomes, mas o mais apropriado é o de ‘autoritarismo competitivo’ (Levitsky & Way, 2010), pois denota a natureza autoritária do regime, ainda que recorra a mecanismos eleitorais viciados.

O ‘autoritarismo competitivo’ pode ser definido como “regime civil não-democrático, com eleições regularmente realizadas e competitivas, mas extremamente injustas” (Way, 2005: 131); onde os governantes “regularmente assediavam os líderes da oposição, censuram a mídia e tentam falsificar os resultados das eleições” (Way, 2005:131), porém, “os candidatos da oposição podem, e às vezes ganham” (Way, 2005:131). Em relação à mídia, “jornalistas da oposição enfrentam assédio grave, mas ainda são às vezes capazes de escapar da repressão e transmitir a sua mensagem através de mídia de grande audiência” (Way, 2005: 132). Pode ser acrescentada a estas características, que esses regimes se baseiam no equilíbrio instável entre instituições formalmente democráticas e instituições informais antidemocráticas, tendendo a se apoiar nestas. Isto se deve à supracitada relação entre economia e política e as características da burguesia que emergiu da desestruturação do regime socialista de produção: os oligarcas. De fato, esse regime seria melhor denominado, por sua natureza, de república oligárquica.

A oligarquia se estabeleceu com amplo processo de privatização no mundo ex-comunista, principalmente nas ex-repúblicas soviéticas. Ocorreu uma grande concentração do capital em torno a poucos proprietários privados. Estes foram

capazes – por ligações com o Estado, brechas legais e o caos privatista – de amealhar o patrimônio antes estatal. Neste processo de acumulação primitiva de capital “apenas os membros da *nomenklatura* poderiam lucrar com o bem comum da herança soviética, enquanto a maioria do povo sofreu desemprego, desvalorização de suas economias e até mesmo fome, em uma escala não vista desde a Segunda Guerra Mundial” (Cheterian, 2009: 139).

Esta burguesia *sui generis* do mundo pós-comunista merece esta classificação específica, de oligarquia. Um processo de transformação de um Estado Operário em um Estado Burguês, em um período tardio do capitalismo, inevitavelmente gerou uma burguesia muito especial, que amalgama características da burguesia de todos os tempos e da burocracia soviética. É um exemplo aplicado do desenvolvimento desigual e combinado, que se apresenta “como uma mescla particular de elementos atrasados com os fatores mais modernos” (Novack, 2005: s.p.). A burguesia ucraniana mescla características da burguesia comercial no período de acumulação primitiva do capital, as burguesias dependentes dos países periféricos, a burguesia monopolista mais avançada e traços da velha *nomenklatura*.

É a existência dessa elite oligárquica e seus clãs e grupos que explica o aspecto competitivo desses autoritarismos, que convertem essas aparentes democracias liberais em regimes oligárquicos com um sistema de *checks and balances* muito particular, não entre os três poderes – por mais que possam se expressar assim, em momentos de conflitos entre o Presidente e o Parlamento – mas entre os vários setores oligárquicos, o que impede por sua vez o surgimento de um poder autoritário em Estado puro.

Dessa maneira, se vê que nos autoritarismos competitivos essas oligarquias, ao surgirem ligadas aos altos oficiais do regime, se são

inicialmente leais aos seus patronos na estrutura do Estado, também se esforçaram para aumentar a sua independência. Para defender seus interesses, novos empresários buscaram assentos no parlamento, aglutinaram-se em partidos políticos dedicados principalmente a traduzir seus interesses em políticas públicas e apoiaram políticos de suas regiões nativas (Radnitz, 2010: 137).

Poderia se argumentar em uma análise marxista vulgar que todas as democracias burguesas são regimes de natureza oligárquica, pois em última instância servem aos interesses da minoria burguesa. No entanto, como demonstrou Poulantzas (1977), se o Estado burguês se desenvolveu no sentido de adquirir como características básicas a unidade própria do poder político institucionalizado (relativamente emancipadas do econômico) e a autonomia relativa do Estado em relação às classes e frações do bloco no poder, os autoritarismos competitivos estão no máximo em transição para esse padrão, ainda não consolidado. Há uma fusão entre Estado, interesses políticos e econômicos, entre política e economia,

que supera em muito os padrões normais. Os interesses econômicos da burguesia ucraniana só são de fato assegurados enquanto interesses políticos. Isto explica a extrema violência na vida política e nas relações inter-burguesas, onde se utilizam corriqueiramente, não apenas excepcionalmente, de todos os expedientes possíveis: subornos, traições, assassinatos, milícias fascistas e, até mesmo, de mobilizações de massas (como a Revolução Laranja ou o EuroMaidan) para serem vitoriosos. O processo de acumulação primitiva de capital não termina, pois se refaz permanentemente, inicialmente sobre o patrimônio soviético, e depois, por inércia, sobre o patrimônio ucraniano, sobre a propriedade dos setores burgueses pequenos e médios, e mesmo sobre outros oligarcas, como demonstra a prática dos chamados *corporate raidings* (Rojansky, 2014). Não há nenhuma segurança sobre a propriedade privada, nem mesmo para os oligarcas, que só a garantem sob a proteção do Estado. A derrota numa disputa política pode significar perda de propriedade e prisão, como demonstram o caso de Lazarenko e Timoshenko, ou ainda pior, a morte. Por exemplo, indícios apontam que Lazarenko quase foi assassinado pelo clã rival de oligarcas de Donetsk, e em represália teria mandado assassinar o líder deles, Yevhen Shcherban (Koshiw, 2013).

Porém, dialeticamente, os elementos que sustentam o funcionamento do próprio regime engendram suas crises. Os oligarcas “não aceitam ordens facilmente, são por natureza extremamente oportunistas, e têm um fraco sentido de lealdade” (Way, 2005: 137). Estes se utilizam de diversas estratégias para se auto-defenderem de outras frações oligárquicas e do próprio governo, levando à “fragmentação das estruturas autoritárias do Estado, acabando por provocar uma crise do regime” (Way, 2005: 137), como na Revolução Laranja de 2004 na Ucrânia, mas também no EuroMaidan. Neste, o presidente Yanukovich começou seu governo com o “apoio da maioria dos grandes empresários” (Åslund, 2013: s.p.), porém, ao não atuar como um *primus inter pares*, mas com uma lógica faccionalista e concentrando “não só o poder, mas também a riqueza nas mãos de sua família [... virou] os grandes empresários contra ele” (Åslund, 2013: s.p.).

Ferreira (2016) desenvolve em recente artigo o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado ‘Políticos’, que diferentemente de outros AIEs que se encontram na sociedade civil, estes são de natureza abertamente política, como os parlamentos e os partidos do sistema, e junto dos Aparelhos Repressivos de Estado e o Governo compõem o Estado. Numa democracia burguesa, os partidos do sistema

estarão numa zona de transição entre o AIE ‘político’ e a sociedade política – enquanto parte da estrutura política de circulação das elites e consolidação do bloco histórico, enquanto expressão oficial da sociedade política na sociedade civil – e serão parte da sociedade civil – enquanto expressão desta na sociedade política (Ferreira, 2016:129).

Mas, isto só será possível se houver a separação clara – ainda que formal – entre a esfera política e econômica, em particular em relação à burguesia. No caso ucraniano, esta separação é frágil e não acabada, e por isso, a circulação das elites de forma ordenada e tranqüila inexistente, pois os partidos do sistema não são partidos de fato, mas representações virtuais de clãs oligárquicos que não podem – ao contrário da burguesia monopolista convencional – estar fora do Governo. Por isso, o Estado não funciona como um partido para o conjunto do Bloco no Poder, como afirmava Poulantzas em relação aos Estados burgueses tradicionais. É claro que isto pode ser uma situação transitória. Na Rússia, a partir de Putin, este conseguiu fortalecer um pólo central de oligarcas, eliminando os concorrentes, o que permitiu uma forma consolidada de autoritarismo burguês de caráter mais tradicional, não competitivo. Contudo, como aprendeu Kuchma em 2004 e Yanukovich em 2014, este processo é muito mais difícil na Ucrânia, seja pela divisão interna estrutural do país, que dificulta compromissos entre os clãs e debilita o Estado, seja pela posição periférica em uma área de disputa geopolítica, que permite aos diversos oligarcas conquistarem apoios importantes para suas disputas internas entre os diversos imperialismos.

Bibliografia

- ÅSLUND, Anders (2014). Oligarchs, corruption, and European integration. *Journal of Democracy*, Washington, DC, n.3.
- _____ (2013). *Ukraine crisis: Yanukovich and the tycoons*. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-25323964>>. Acesso em 21 de novembro de 2014.
- _____ (2009). *How Ukraine became a market economy and democracy*. Washington, DC: Peterson Institute for International Economics.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz (2016). *A desordem mundial: O espectro da total dominação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BOHOSLOVSKA, Inna (2012). *The biography of Yulia Tymoshenko*. Disponível em: <<http://www.tymoshenkocase.com/category/the-life-story/>>. Acesso em 13 de dezembro de 2013.
- BUNCE, Valerie & WOLCHIK, Sharon (1999). Democratizing Elections in Postcommunist Central and Eastern Europe: Echoes of 1989? In: *Conference on 1989: Twenty Years After*. University of California, Irvine.
- CHETERIAN, V. (2009). From Reform and Transition to 'Coloured Revolutions'. *Journal of Communist Studies and Transition Politics*, n.25.

- CSLR (2014). *The real face of Maidan: statistics from protests that changed the country*. Disponível em: <<http://cslr.org.ua/en/28-lipnya-2014-the-real-face-of-maidan-statistics-from-protests-that-changed-the-country/>>. Acesso em 23 de setembro de 2014.
- EFE (2014). *Chanceler estoniano sugere que atiradores de Kiev foram pagos pela oposição*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2014/03/05/chanceler-estoniano-sugere-que-atiradores-de-kiev-foram-pagos-pela-oposicao.htm>>. Acesso em 16 de janeiro de 2016.
- FERREIRA, Carlos Serrano (2016). Hegemonia: entre a força e o consenso. *Revista Portuguesa de Ciência Política*, Lisboa, n.6.
- _____ (2014a). A batalha pela Ucrânia. *História & Luta de Classes*, Marechal Cândido Rondon, n.17.
- _____ (2014b) *Ascensão do fascismo na Ucrânia*. Disponível em: <http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=7397>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.
- HOLYOUDA, Olha (2013). *Ukrainian Oligarchs and the "Family", a New Generation of Czars—or Hope for the Middle Class?* Washington, DC: IREX.
- KATCHANOVSKI, Ivan (2015). The “Snipers’ Massacre” on the Maidan in Ukraine. In: *Annual Meeting of American Political Science Association*. San Francisco.
- KARPINSKY, Vasyl (2011). *The Twilight Of Trade Unions: Why Ukrainian workers are unable to defend their rights*. Disponível em: <<http://ukrainianweek.com/Politics/27610>>. Acesso em 13 de maio de 2012.
- КОЛЛЕГИЯ МВД УКРАИНЫ (2014). *Вечная память погибшим правоохранителям...*. Disponível em: <<https://www.npu.gov.ua/ru/publish/article/989615>>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.
- KONONCZUK, Wojciech (2015). Oligarchs After The Maidan: The Old System In A ‘New’ Ukraine. *OSW Commentary*, Warsaw, 162.
- KOSHIW, JV (2013). *Abuse of Power: corruption in the office of president*. Bristol: Artemia Press Ltd.
- KUZIO, Taras (2014). Impediments to the emergence of political parties in Ukraine. *Politics*, London, 4.
- LEVITSKY, S. & WAY, L. A. (2010). *Competitive Authoritarianism. Hybrid Regimes After the Cold War*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATUSZAK, Slawomir. The oligarchic democracy: The influence of business groups on ukrainian politics. *OSW Studies*, Warsaw, n.42.

- NOVACK, George (2005). *A Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado da Sociedade*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/novack/1968/lei/index.htm>>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.
- POULANTZAS, Nicos (1977). *Poder político e classes sociais*. São Paulo: Martins Fontes.
- RADNITZ, S. (2010). The Color of Money Privatization, Economic Dispersion, and the Post- Soviet “Revolutions”. *Comparative Politics*, New York, n.2.
- ROJANSKY, Matthew (2014). Corporate Raiding in Ukraine: Causes, Methods and Consequences. *Demokratizatsiya*, Washington, DC, n.3.
- SHEVTSOVA, Lilia (2014). The Russia factor. *Journal of Democracy*, Washington, DC, n.3.
- ЦСТА (2016). *Репресії проти протестів в Україні: квітень-грудень 2015*. Disponível em: <<http://cslr.org.ua/wp-content/uploads/2016/05/CSLR-Repressions-in-2015-May-31-2016.pdf>>. Acesso em 17 de julho de 2016.
- _____ (2015a). *Репресії проти протестів: квітень-серпень 2015*. Disponível em: <http://cslr.org.ua/wp-content/uploads/2015/11/CSLR_report_24_Nov_2015.pdf>. Acesso em: 17 de julho de 2016.
- _____ (2015b) *Репресії проти протестів: серпень-грудень 2014*. Disponível em: <<http://cslr.org.ua/wp-content/uploads/2015/02/CSLR-Repressions-in-2014-17-Feb-2015.pdf>>. Acesso em 17 de julho de 2016.
- ПАПИНОВ, Віктор (2014). *Класовий аналіз українського кризиса*. Disponível em: <<http://liva.com.ua/class-analysis-ukraine.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2015.
- WAY, Lucan (2014). Civil society and democratization. *Journal of Democracy*, Washington, DC, n.3.
- _____ (2005). Kuchma’s failed authoritarianism. *Journal of Democracy*. Washington, DC, n.2.
- WHITMORE, Brian (2013). *Ukraine’s Threat to Putin*: Why the protests in Kiev could deal a major blow to official corruption in Russia. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2013/12/ukraines-threat-to-putin/282103/>>. Acesso em 1º de maio de 2014.
- WORLD BANK (s.d.). *GDP growth (annual %)*: World Bank national accounts data. Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?end=2015&locations=UA&name_desc=true&start=1988&view=chart>. Acesso em 17 de janeiro de 2016.